



# Bolsa de Valores e dívida de Angola pronta em novembro

A BODIVA vai começar por ter operações de dívida pública. O Opex foi o sistema escolhido

Umás bolsas definham, outras nascem. Enquanto em Lisboa, o mercado acionista está a passar pela tormenta provocada pelo colapso do Banco Espírito Santo (BES), em Luanda avançam os preparativos para a abertura da BODIVA — Bolsa de Valores e Dívida de Angola. O objetivo é arrancar com operações de dívida pública este ano. Na Bolsa, 30 de novembro é a data indicativa para que tudo esteja pronto para avançar, caso haja decisão política nesse sentido. O Opex foi escolhido para o sistema de negociação de base da BODIVA.

“Há uma dinâmica muito ativa, consistente e regular de discussão pública e aprovação de diplomas”, afirma Paulo Câmara, diretor-geral da Sérvulo & Associados — Sociedade de Advogados que faz a assessoria da Comissão do Mercado de Capitais (CMC) angolana. “O Código dos Valores Mobiliários (CVM) é a grande reforma de um conjunto de reformas que vão ser o alicerce daquilo que vai ser a Bolsa de Angola”, adianta.

A 16 de abril tomou posse o conselho de administração da Bolsa, liderado por António Gomes Furtado, que na década de 90 foi governador do Banco Nacional de Angola. Este órgão conta com o português Francisco Garcia dos Santos como membro não executivo (independente). Foram ainda nomeados para o CA Pedro Pita-Gróz (que preside à comissão executiva da BODIVA), Ana Victor e Rui de Oliveira.

A primeira reunião do conselho consultivo da BODIVA, que elabora orientações estratégicas, ocorreu no final de julho. E está já em marcha o plano de formação de recursos humanos com vista ao arranque das operações em finais de 2014.

Entre os assuntos pendentes, é expectável que surjam diplomas relativos a matéria fiscal aplicada ao mercado de capitais. Para já, não foi aprovado nenhum diploma sobre esta matéria.

Entretanto, a CMC, presidida por Archer Manguera, tem feito uma campanha de divulgação (literacia financeira) junto de institucionais e do



GANHAR A CONFIANÇA DOS INVESTIDORES É O PRIMEIRO DESAFIO DA BOLSA DE LUANDA FOTO BRO

público em geral, através de reuniões e dos *media*. O site institucional da CMC é uma das apostas em informação aos investidores, potenciais emittentes e público em geral ([www.cmc.gv.ao](http://www.cmc.gv.ao)). Contactada fonte oficial da CMC, até ao fecho da edição não foi possível obter mais detalhes sobre as ações do regulador.

## Emitentes interessados

O processo da criação da Bolsa tem sido gradual. E tem andado a par com outras políticas, como a desdolarização da eco-

nomia angolana e a primazia dada ao kwana. As primeiras operações na BODIVA serão de dívida pública. O passo seguinte será a realização de operações de dívida de empresas e já há emittentes interessados. O primeiro trimestre de 2015 poderá ver estas operações a acontecer na BODIVA. Só depois avançará a negociação de ações.

Uma das medidas que facilitarão o processo prevê que as empresas emittentes não tenham de apresentar as contas de acordo com as normas internacionais de contabilidade até 2017.

Mas há ainda trabalho a fazer, nomeadamente a instalação de um sistema de liquidação, uma central de valores semelhante à gerida pela Interbolsa, em Lisboa. Como o Banco Nacional de Angola desempenha esse papel no caso da dívida pública, não é necessário que o sistema esteja a funcionar este ano para a Bolsa arrancar com operações só entre instituições financeiras. O objetivo e expecta-

tativa não é de que haja muitas operações ou receitas no curto prazo. “O que se pretende é, sobretudo, dar um sinal de que se quer avançar com uma Bolsa de Luanda sólida”, disse uma fonte próxima do processo.

Com a Bolsa, as empresas deixarão de estar dependentes da banca para captação de capital e passam a ter alternativas no financiamento. Ganhar a confiança dos investidores é o desafio. “O tema do governo corporativo é muito relevante. Os mercados precisam de confiança”, afirma um diretor de investimentos. “O mercado angolano precisa de ganhar credibilidade junto de investidores externos e locais, incluindo empresas. Começar com a vertente obrigacionista faz sentido”, adianta. O tema da confiança, crucial nos mercados em geral, torna-se um ponto crítico num país como Angola que invariavelmente é mencionado em relatórios sobre corrupção, suborno e branqueamento de capitais.

ELISABETE TAVARES  
[etavares@expresso.impresa.pt](mailto:etavares@expresso.impresa.pt)

## CABO VERDE E MOÇAMBIQUE ATIVAS

■ Na Bolsa de Valores de Cabo Verde, a funcionar desde 2005, transacionam-se obrigações e ações, com um valor de capitalização de €588 milhões, segundo a Associação de Gestoras de Bolsa Africanas. Tem quatro empresas cotadas e no primeiro semestre transacionou €3,2 milhões.

■ Cabo Verde coloca dívida pública diretamente junto do público em geral (o próximo leilão será a 3 de setembro). Aprovou recentemente uma nova versão do Código de Valores Mobiliários.

■ A Bolsa de Valores de Moçambique tem uma capitalização que ronda os €900 milhões. Tem duas ações emittidas. O predomínio é a cotação de dívida pública.

